

O Christianismo

JORNAL RELIGIOSO

FÊ

ESPERANÇA

CARIDADE

<i>Assignatura</i>	<i>Director—Manoel Lopes Guilherme</i>	<i>Annuncios</i>
Ovar (anno)..... 600 reis	<i>Proprietario e Adm.ºr—Plácido Augusto Veiga</i>	Por cada linha..... 50 reis
Pelo correio..... 700 »	<i>Composição e impressão, Typ. «Ovarense»</i>	Repetição..... 25 »
<i>Redacção e Administração, R. da Graça—Ovar</i>	<i>—* Rua da Graça—OVAR *—</i>	<i>Acceita-se collaboração desde que seja religiosa.</i>

A dôr

A companheira mais fiel do ser humano!

Quantas vitimas não agrilhôa éla em suas férreas algêmas, estilhaçando-lhes o peito em convulsões medonhas, quantas!...

Não tem conta, porque não ha ninguem consciente que possa dizer—nunca sofri!

A dôr é esse definhar intimo, terrivel, intensissimo, produzindo cataclismos morais, quando passa na alma, nas horas desalentadas em que não ha resignação, em que a materia verga sob o peso da desdita, sem ter forças para reagir; ou se, por um esforço sobrehumano, consegue dominá-la, essa vitória é grande, mas não completa, porque a dôr, quando finca as garras, não abandona a prèsa com facilidade.

Qual sentirá mais o peso da dôr: aquê le que pode entregar-se a éla, derramando, sem medo de censuras, lágrimas que escaldam a face, mas desafogam o coração, ou o que por entre folguêdos tem que sorrir com a alma em pranto?

Se ha dôres, tão intimas e escondidas, que só Deus as pode ver e suavisar! Se ha dôres, tão recônditas e secretas, que, a despeito de exterioridades jubilosas, de aparências falazes, nem por isso deixam de ser truculentas, e de despedaçar, desfibrar, por assim dizer, a textura mistica, subtilissima da alma!...

E depois, a dôr, qual outro Proteu da fabula, toma todas as formas: indiscreta e audaz, penetra em todas as habitações;

cruel e despótica, fere sem piedade o coração diamantino, bem como aquê le, onde cada pulsação marca um acréscimo de vicio; sarcástica e feroz, zomba do ser que crucifica a cada instante nos abismos insondaveis do martirio.

Ao despontar da vida, desponta éla tambem para cada individuo. Cada nova aurora é escurecida por nuvem caliginosa, porquanto a dôr é companheira inseparavel do berço recamado de rendas e setins, como é socia da enxêrgasinha, onde dorme desabrigado o fruto do amor do pobre. E', para que assim o digamos, um atributo inerente ao ser humano.

Pode o homem ser inteligente ou estúpido, rico ou pobre, hélo ou defeituoso, bom ou perverso, mas sem o seu quinhão de dôr é que não fica.

Na infancia, já a cruel nos persegue, então, que a nossa alma reflête ainda a pureza dos céos.

Segue-se a juventude, em que o espirito começa a ver lucilar ao longe, um pequenino ponto, muito ténue, muito frouxo, do que vulgarmente se chama realidade, porque na infancia nem sequer sabemos porquê nem para que existimos.

N'esta quadra, pois, ha muita illusão, mas tambem ha muitas dôres. Umas, sinceras, bem fundamentadas; outras, quiméricas, acasteladas por imaginações febris, carentes de sofrer para poderem consolar.

N'esta quadra da vida humana, primavera d'amores, época de devaneios, em que o olhar só vê, o mais das vezes, vaporações róseas, flutuando em espaços

anilados, quantos futuros não desfaz a dôr, e em quantas almas não imprime ella o seu sêlo nefasto e lúgubre!

Quantos seres folgam e riem, para que o mundo os creia felizes, enquanto o coração lhes chora, baixinho, lá dentro, no âmago!...

E assim por diante na vida, o fard doloroso jamais diminue, antes se avoluma e recrudesce, até desfalecer e succumbir na estrada abrolhosa da existencia o que o aguenta mais ou menos resignadamente.

*

(Continua)

P.^o Bruno Teles

Os milagres

Vós deveis saber (dizia outr'ora Santo Agostinho ao seu povo) que ha duas especies de milagres, dignos de toda a nossa attenção: uns, que envolvem as maravilhas da nossa existencia, e de todo o universo; outros, que comprehendem os mysterios augustos da nossa santa religião.

Investiguemos estas duas especies de milagres, seguindo o plano do grande Bispo de Hyppona.

Em nós só descobrimos milagres desde o alto da cabeça até ás extremidades dos pés; desde a mais pequena fibra, que entra na construcção do nosso corpo, até aos principaes ossos, que sustentam este edificio: e quer velemos, quer durmamos, maravilhas inefaveis se operam em nós, como n'um logar, que o Senhor tem escolhido com preferencia para assignalar suas misericordias e grandezas.

Qual é o prodigio comparavel com esta reunião de musculos e nervos, que por suas molas e jogo nos contém na mais perfeita harmonia; com esta multidão de vês e arterias, que distribuem por todas as partes do corpo um licor proprio para a sua verificação e conservação? Que

mechanismo em todos estes movimentos, que nós fazemos sem reflectir; que ordem em todas aquellas pulsações, que nos recordam o andamento dos relogios?

Sem fallar da digestão, e do somno, d'esses dois admiraveis vehiculos, que entreteem nossa carne tão fragil e delicada por um tão longo sequito d'annos: que dissipam nossas laticudes, e que todos os dias nos fazem reaparecer com um corpo, que parece novo, analizemos a nossa alma para a admirar.

Philosophos de todas as nações e de todos os tempos, attendei a este espectaculo, como a um phenomeno sempre renascente, e que julgamos digno de toda a vossa admiração. Olhae esta alma, que, sendo indisivel, parece dividir-se em idéas, desejos e pensamentos: que sendo immortal parece aperfeiçoar-se, e deteriorar-se com o corpo: que alfin sendo espiritual parece não obrar, senão por via da materia e dos sentidos.

Que couza mais maravilhosa, que esta memoria e imaginação, que em nosso corpo andam n'uma agitação continua, e que a cada passo nos transportam fóra de nós? Estas faculdades parecem, que reunidas na pequena capacidade do nosso cranio se perdem no meio das reflexões, que geram, dos quadros, que apresentam, e das combinações, que produzem.

Todos os livros, que nós lemos, todas as cidades, que admiramos, todos os chefes d'obra de paciencia e arte, que contemplamos, são partes d'aquella alma, que reconcentramos em nós mesmos, de que quasi nunca nos occupamos, e que é o principio activo de nossas cogitações. E' ella, que imagina os planos, que executa; e que sem outro auxilio, que o de suas faculdades, se eleva até aos outros; determina sua dis-

tancia e grandeza; prediz as suas revoluções, cobre os mares de navios, que ella construe; e penetra o fundo da terra para extrahir d'ella thesouros, e fazer d'est'arte a riqueza do mundo inteiro.

Nós somos pois um abysmo de maravilhas; e todas as nossas idéas e pensamentos devem excitar nossa admiração e merecer nossas homenagens, como —reconhecimento —ao Ente increado.

Deus espalha sobre nós seus raios d'um modo verdadeiramente incomprehensivel, e depois de nos ter esclarecido, nós nos instruímos mutuamente, e esta communicação de luzes, é que produz as monarchias, as republicas, as sociedades, as sciencias, as artes, e é a origem de todos os bens, que possuímos.

Quanto é bello conservar em nós mesmos todos os successos preteritos, todas as revoluções, que se teem agitado no orbe terraqueo, retractando-os por sua ordem, quando é preciso?! Quanto é bello podermos figurar mundos mais vastos, que o que nós habitamos, estendermo-nos até immensos espaços, e achar Deus em nosso proprio seio?! Quanto é bello finalmente decompor os elementos, analizar os sons, a luz, as cores e apreciar todos os objectos, de que estamos cercados?!

Fallamos dos objectos, que constituem o universo, e que mais ou menos admiraveis annunciam a magnificencia do Creador.

Continua.

C. e G.



O Santo Sacrificio

II

Isso não é comigo! Eu ouço Missa todos os domingos e dias de guarda!

Ai, leitor da minha alma! Ha, sim,

muitos christãos que vão á missa todos ou quasi todos os domingos (d'este *quasi* fallaremos depois) e dias santos de guarda: mas não vão á Igreja com a preparação e o espirito devido, nem ouvem a Santa Missa do modo devido, e d'aqui resulta que é o mesmo que se não fossem. Não digo bem, o mesmo não; porque ha alguns, bastantes, que para irem á Igreja com o espirito com que vão, e para estarem á Missa como estão, mais valia que não fossem; porque não vão ali senão para cometter irreverencia, para offender a Deus e para tirar a devoção aos outros fieis; e para isso melhor fôra que ficassem na sua casa; porque, se, como tu bem comprehenderás, é mau, e muito mau, offender a Deus fôra da sua casa, ir offendel-o á sua propria casa, que é a Igreja, é ainda muitissimo peor.

Isto não é escripto para os atheus e impios, que nem ouvem nem querem ouvir missa; tambem não é para os christãos fervorosos que a ouvem todos os dias de preceito, ou diariamente, e a ouvem do modo devido, tirando d'ella todo o fructo que Deus misericordiosissimo quer que tiremos. Claro está que tanto uns como os outros nada perderão lendo-nos; mas escrevemos muito particularmente para o termo medio comprehendido entre ambos os extremos; isto é: para a generalidade dos christãos, para a immensa maioria d'elles.

Escrevemos para aquelles maus christãos que ouvem Missa «uma vez ou outra»; para aquelles outros menos maus, mas maus tambem, que com mais ou menos frequencia faltam ao preceito de ouvir Missa nos dias designados pela Igreja para ouvi-la; e, por ultimo, para aquelles que ouvem Missa em todos os dias de preceito e ainda em muitos que não o são, e até diariamente; mas que não assistem ao Sacrificio do modo devido.

N'uma palavra, e como já disse: é escripto para a immensa maioria dos christãos, porque a immensa maioria d'estes, (triste será reconhecê-lo, mas é forçoso declaral-o assim, porque assim é infeliz-

mente), não sabem ouvir Missa; uns por ignorancia (culpavel, é claro), outros porque, como já dissemos, não vão ali para outra coisa senão para cometer irreverencias; e os restantes, ou quasi todos, porque não teem consciencia da importancia do Santo Sacrificio, e assistem a elle por rotina, por costume, *porque sim*, ou porque veem ir outros, ou porque os obrigam a ir.

E' certo que, sendo a Santa Missa o acto mais augusto e importante da Religião, o centro d'ella, a alma da devoção e a vida da piedade, a generalidade dos christãos não sabem ouvir Missa, nem sequer o que é, e assim acontece o que acontece; que da assistencia ao santo Sacrificio não tiram nenhum ou quasi nenhum fructo para as suas almas; e como a Santa Missa é a alma da devoção e a vida da piedade, a maior parte dos christãos vivem uma vida tibia, fria (se não relaxada e dissoluta), e não progridem na virtude e na piedade como deviam e como progrediriam, sem duvida, se assistissem á Santa Missa com a preparação e o espirito devido, e a ouvissem do modo devido.

Que importa portanto, que digam esses christãos: «Eu ouço Missa todos os domingos e festas de preceito?»

Continua

Lenda do Menino Jesus

Conclusão

Jesus permanecia immovel, em attitude de fervente oração. Serapia lançava para Elle a vista, e parecia-lhe vêr um seraphim.

E de feito era mais que todos os seraphins.

A caridosa mulher tomou todas as provisões que tinha em casa, e collocou-as na cestinha que Jesus trazia.

— Leva tudo, para que Maria e José comam tambem; estarão sem duvida em extrema necessidade.

Jesus acceitou, sorrindo, a grande es-

mola da pobreza, agradeceu com aquella doçura que lhe era natural, e dirigiu-se para Nazareth.

A noite envolvia já a terra no escuro manto. A lua escondia-se por detraz dos castellões de nuvens que appareciam no firmamento; o caminho estava deserto, e era assás incommodo; os anjos desceram o espaço, acercaram-se de Jesus, e pretenderam lançar mão da cestinha para lh'a levar.

Jesus abençoou-os, e recensou os seus serviços, dizendo: «Eu vim ao mundo para me humilhar e soffrer!»

Chegou, por fim, a Nazareth. A' porta esperava-o a Virgem Immaculada.

Jesus contou-lhe como a rica senhora a que Ella o havia enviado lhe tinha negado a esmola, enquanto que a pobre e boa Serapia o havia soccorrido tão prodigamente.

Então, Maria lhe disse:

— Meu filho, tu és Deus e Senhor do céu e da terra, conheces todas as coisas; dize-me, pois, qual a razão d'esse acolhimento tão diverso nas duas casas!?

— A senhora que me negou a esmola é generosa para com os pobres, disse Jesus; porém a causa da sua generosidade é a ostentação e a vaidade. E' esmolar quando lhe sorriem os louvores do mundo. Mas serão elles a sua recompensa. Encher-se-hão os seus thesouros, augmentar-se-hão os seus thesouros. Porém não alcançará senão bens terrenos, que são passageiros como a sombra!

— E aquella que habita a humilde choupana?

— Oh! essa agora terá uma vida bem pesada, o seu patrimonio serão os soffrimentos, porém estes são os thesouros que fructificam para a eternidade.

E, erguendo as suas pequeninas mãos, Jesus levantou ao céu os olhos que reflectiam a mais pura belleza, e ajuntou com doçura:

«Minha mãe, para esta e para os seus será o reino da gloria!»